

Dança na água: a pesquisa acadêmica como práxis educativa

Juliane Gonçalves Queirozⁱ 

Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

Bruna Monteiro Barbosaⁱⁱ 

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

1

Resumo

O contato com a água pode despertar diferentes estados psicofísicos no corpo e ampliar possibilidades de reconhecimento das capacidades cognitivas e afetivas, além de esgarçar os dispositivos para criação artística. O grupo de pesquisa Dramaturgia do Corpospaço, da Universidade Federal do Ceará, vem se dedicando aos estudos de Dança na Água. Dessa forma, nos questionamos: Que fundamentos em distintas áreas de conhecimento podem inspirar essa pesquisa artística acerca dos estados da água no corpo? Norteados por essa questão e inseridos no contexto acadêmico delineamos nossos estudos em Dança, linguagem da Arte, possibilitando nosso fazer numa relação de práxis educativa. O presente artigo visa compartilhar esse processo inicial de investigação, que compreende um levantamento de materiais bibliográficos para identificar produções já existentes nessa área, no Brasil. Posto isto, realizamos uma imersão na praia de Canoé, em Fortim, Ceará, para experienciar as possibilidades estéticas no corpo dessa relação dança e água.

Palavras-chave: Dança. Água. Práxis Educativa. Improvisação.

Dance in the water: academic research as educational praxis

Abstract

Contact with water can awaken different psychophysical states in the body and expand possibilities for recognizing cognitive and affective capacities, in addition to tearing up devices for artistic creation. The research group Dramaturgia do Corpospaço, from the Federal University of Ceará, has been dedicating itself to the studies of Dance in Water. In this way, we ask ourselves: What foundations in different areas of knowledge can inspire this artistic research on the states of water in the body? Guided by this question and inserted in the academic context, we outline our studies in Dance, the language of Art, enabling our doing in relation of educational praxis. This article aims to share this initial investigation process, which comprises a survey of bibliographic materials to identify existing productions in this area in Brazil. That said, we carried out an immersion on Canoé beach, in Fortim, Ceará, to experience the aesthetic possibilities in the body of this relationship between dance and water.

Keywords: Dance. Water. Educational Praxis. Improvisation.

1 Introdução

A dança é uma arte que está ligada ao corpo e a alma, a escuta de si, a sensações naturais, a uma consciência corporal, a comunicação e consciência do corpo, é a natureza do desejo, o próprio sentido. Essas e outras características fazem parte de definições de autores como Sasportes (1983), Vianna (2005) e Gil (2004), quando em suas obras falam sobre a dança. Por meio desta área de conhecimento há uma produção de consciência sobre o corpo e suas possibilidades de comunicação, além da extensão manifesta dos desejos e de suas negociações a partir dos campos relacionais. Portanto, compreender como as corporalidades podem navegar por distintos estados e, por meio desta investigação, averiguar como elas podem gerar nuances na prática do gesto dançado, são exercícios que ampliam as perspectivas criativas, mas que também permitem um estudo de padrões, limites, rupturas os quais atravessam esse percurso. Nesse sentido, pesquisar como construímos nossos hábitos de movimento e como operamos as memórias que nos compõem, pressupõe olharmos para nossos saberes ancestrais.

Dentre os quatro elementos da natureza, fogo, ar, água e terra, vimos na água uma potência para trabalharmos de forma mais íntima essa relação de si e da dança. A presente pesquisa adentra na potência da água para trabalharmos de forma mais íntima essa percepção do corpo enquanto espaço que move e é movido. Levando em consideração que os humanos são compostos em média por 70% de água, fica evidente que entender como este elemento atua enquanto corpo significa uma tomada de consciência das próprias emoções, dos pensamentos e dos comportamentos que nos constroem. Segundo Bachelard, a água “é o elemento mais constante que simboliza com as forças humanas mais escondidas, mais simples, mais simplificantes” (1997, p.6). Sendo assim, voltar a atenção para o estudo deste elemento, é focar em nossas origens, e na complexidade das simplicidades que nos estruturam. Desse modo, para além de pensarmos e praticarmos uma dança na água, pretendemos pensarmos e praticarmos uma dança como água que somos.

Este espaço investigativo tem ocorrido em encontros semanais do Grupo de Pesquisa Dramaturgia do Corpospaço, coordenado pela Profa. Dra. Ana Carolina

da Rocha Mundim. O grupo é vinculado ao diretório de pesquisa do CNPQ, aos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Dança e ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Ceará. Buscamos identificar tanto o corpo como (não) território de si mesmo, quanto o corpo que pode vir a ser território de si mesmo, nas relações socio-político-culturais que o mantém. A partir da articulação da improvisação nas áreas de dança, fotografia e música busca-se compreender o corpo como espaço em si, no diálogo com o outro, de um lado; e também, de outro lado, o corpo social, produto e processo social e cultural. Permeados por estas questões, a produção de imagens nos campos gestuais, visuais e/ou sonoros, é um foco despertado pelo mergulho em águas das mais superficiais às mais profundas que nos formam. Ativar distintas dinâmicas aquosas em corpos que dançam, nos trazem refinamentos teórico-práticos sobre os tensionamentos e delicadezas que queremos discutir/ administrar nas relações indivíduo-coletivo.

Dito isto, como o espectro do que se entende por *Dança na água*¹ é muito amplo, definimos que, nesse texto, trataríamos de um conjunto de práticas artísticas em que o corpo dos artistas-pesquisadores em dança estivesse em contato com a água. Fizemos um recorte, abarcando as referências que temos coletado que envolvem água e dança. Cabe destacar que experiências terapêuticas e ritualísticas na água são realizadas pelos povos originários e por civilizações antigas, muito antes das práticas e eventos que serão mencionados aqui.

Feitas as ressalvas, iniciamos a contextualização, apontando o momento eleito como início deste recorte, a chegada do *Watsu* no Brasil com a alemã Úrsula Garthoff, em 1996, informação extraída do Portal Nippo Brasil. O *Watsu* é uma hidroterapia que foi desenvolvida pelo estadunidense Harold Dull, na década de 80. Ele aplicava *shiatsu* e percebeu que poderia potencializar os benefícios desta massagem se a aplicasse no paciente na água, combinando com exercícios respiratórios e alongamentos. A palavra *Watsu* é resultado da junção das palavras *water*, água em inglês, e *shiatsu*. Úrsula Garthoff fez o curso de *Watsu* na Califórnia com o criador da técnica, Harold Dull. Após receber uma sessão e apaixonar-se pela

¹ Ao tratar de Dança na água, temos como referência a dança enquanto linguagem artística, o que diferencia o nado sincronizado, que tem relação com a ginástica, campos distintos.

técnica, veio para o Brasil e aqui fundou o *Worldwide Aquatic Bodywork Association* Brasil (WABA Brasil). Do *Watsu* surgiram outras terapias e muitos dos artistas contemporâneos que trabalham com dança na água tiveram algum contato com *Watsu* ou aplicam a terapia, como por exemplo a artista Luciana Celestino. A citar outras hidroterapias, temos: *Jahara*, *Aquadinamic*, *Water Dance*, *Healing Dance*, *Aguahara*.

4

O *Watsu* no Brasil tem pouco menos de 30 anos, tendo formado instrutores que atuam no estado de Minas Gerais, Distrito Federal, Pernambuco e São Paulo, informações extraídas do site do WABA Brasil. Vale destacar também, a primeira edição do Evento *Macacos Aquáticos: contato improvisação e outras danças imprevistas na água*, em 2015, na Praia de Moreré, na Bahia. Esse talvez tenha sido o primeiro evento que tratou exclusivamente e especificamente de dança na água, em nosso País. Conforme informações extraídas do site Artes e Utopia, grupo que hospeda vários eventos de artes, no caso dos Macacos Aquáticos a aproximação se deu especificamente entre o Contato Improvisação (CI) e a água. Foi trazida uma artista e pesquisadora russa, Sasha Bezrodnova, que já desenvolvia esta pesquisa de CI na água desde 2006. Nas edições seguintes as práticas foram sendo diversificadas e foram recebidos outros condutores: Mario Blanco (Espanha-Argentina), Marina Sans (Catalunha), Conrado Falbo (Brasil, Pernambuco) e o próprio Hugo Leonardo (Brasil, Bahia), que é o criador do evento.

Outros eventos de dança na água que encontramos foram: formações em *Aguahara* que ocorreram em 2017 e 2018 em Alter do Chão (Pará) e em 2019 em Brasília (Distrito Federal) conduzidos por Lao Mari Mälzer (Alemanha) e Adriana Camilo (Brasil, Distrito Federal)²; Encontro Internacional de Contato Improvisação em Ilhabela, que na sua 8ª edição (2019) teve práticas de Contato Improvisação em piscina aquecida conduzidas por Dresler Aguilera (Brasil, São Paulo) e Ricardo Neves (Brasil, São Paulo)³. Também identificamos artistas da dança, brasileiros, que trabalham com dança na água, a citar: Patricia Furtado (RJ), Luciana Celestino

² Fonte: *página Aguahara Brasil no Facebook*. Link de acesso: <https://www.facebook.com/aguaharabrasil>.

³ Fonte: *página Encontro Internacional de Contato Improvisação em Ilhabela no Facebook*. Link de acesso: <https://www.facebook.com/ContatoImprovisacaoemIlhabela>.

(GO), Pâmela Ribeiro (MG), Waldete Brito (PA), Gabriela Holanda (PE), Hugo Leonardo (BA), Lara Dau (SP), Mônica Infante (PR), Thaís Picchi (DF).

A Aguahara, criada por Alexander Siebenstern, consiste em um trabalho energético realizado em duplas, com a condução de uma pessoa no corpo da outra, também em caráter de massagem consciente. O Watsu serviu de base para sua criação além do Janzu e da Dança Aquática. O Janzu, que significa rio pacificado, é uma terapia de renascimento com movimentos suaves que não visa a manipulação, mas sim o fluxo do corpo.

Inicialmente nosso desejo por essa temática justifica-se de forma pessoal, como artistas pesquisadoras de dança, percebemos com este tema as inúmeras possibilidades que teremos de experiências com o corpo na relação dança e água. Além de um desejo pessoal, esta pesquisa também justifica-se cientificamente, quando apresentamos a dificuldade em encontramos trabalhos adequados e publicados que abordam sobre a relação dança e água.

Sentimos uma certa dificuldade em reunir um material que contextualizasse o movimento da *Dança na Água no Brasil* de modo a situar histórica e espacialmente nossa pesquisa. Realizamos uma breve busca, no dia 23 de fevereiro de 2022, no Portal de Periódicos da CAPES, com os descritores, dança e água, pesquisando pelo título de trabalhos. Vale ressaltar que o portal funciona como uma biblioteca virtual, que reúne mais de 49 mil periódicos com texto completo, dentre eles artigos, teses, dissertações, livros entre outros. Nessa busca, encontramos 1894 trabalhos com o descritor dança no título, desses 1894 trabalhos, apenas 4 artigos apresentaram os descritores dança e água no mesmo trabalho, são eles:

- Artigo 1: *Quando a água dança: fertilidade, animação e resistência nos Andes peruanos* - Autora: Indira Nahomi Viana Caballero (Artigo de 2018);
- Artigo 2: *O misterioso fascínio da dança e das águas* - Autora: Elizabeth Cardoso Carvalho (Artigo de 2013);
- Artigo 3: *“Eram de terra seus corpos... de água seus sonhos”: incidências de um processo criativo com as(os) Mbya-Guarani na formação de professoras(es) de dança* - Autores: Crystian Danny da Silva Castro; Mônica Corrêa de Borda Barboza; Odailso Sinvaldo Berté (Artigo de 2021);

- Artigo 4: *Processo compositivo da vocalidade poética na dança-teatro flor das águas* - Autora: Janaina Trasel Martins (Artigo de 2014).

Percebemos que os 4 artigos pautam-se numa busca investigativa da relação com a água e o corpo. Devido a carência de pesquisas nesse campo, vimos a necessidade em nos aprofundarmos mais no tema e explorarmos outras possibilidades dessa relação.

6

2 Metodologia

Apresentamos a leitura que inspirou esta pesquisa e algumas das nossas principais reflexões e motivações: o livro do filósofo Gaston Bachelard, *A água e os sonhos*. Na obra de Bachelard (1997), encontramos um olhar encantador e poético diante das complexidades da natureza, tendo como referencial a imaginação. Nesse e em outros 3 livros de uma parte de sua obra conhecida pelos estudiosos de Bachelard de *Fase noturna: A psicanálise do fogo*, *O ar e os sonhos*, *A terra e os devaneios da vontade*. O autor afirma que cada elemento tem o seu próprio sistema de fidelidade poética: “um sentimento humano primitivo, uma realidade orgânica primordial, um temperamento onírico fundamental” (BACHELARD, 1997, p. 5). A partir de análises de imagens diretas da matéria, encontrar “por trás das imagens que se mostram, as imagens que se ocultam, ir à própria raiz da força imaginante” (BACHELARD, 1997, p. 2).

O percurso da vida é um percurso das águas, segundo Patrícia Furtado (2020) em uma entrevista no *YouTube*⁴. O embrião é praticamente apenas água e ele vive em um ambiente aquático, imerso no líquido amniótico no interior do útero da mãe. O nascimento para a vida terrestre e aérea é um trauma, perdem-se os contornos que as águas da mãe lhes dão e a sensação integral de que nada falta. Um corpo adulto é constituído de 70% de água, com os anos e o envelhecimento do corpo, as pessoas vão perdendo as águas.

Ainda sobre a entrevista com Patrícia Furtado, temos que a água é o único elemento que consegue assumir os três estados físicos da matéria: líquido, sólido e

⁴ Disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=73V1dwcnlZ4>.

gasoso, porém a nossa pesquisa não trata da investigação destes estados, mas dos estados psicofísicos que o contato da água com o corpo pode despertar. Por isso torna-se imprescindível, especialmente, a experimentação em contato com água. Será através desse contato que poderão ser confirmadas as hipóteses e formuladas as percepções, a partir das sensações despertadas no corpo e demais percepções e conexões.

7

Foi a partir da leitura de Bachelard (1997), que nos instigou a investigar as imagens materiais da água, que decidimos como grupo de pesquisa aprofundar nossas investigações no mar. Uma imersão na Praia do Fortim, especificamente a *Praia de Canoé*, 3 dias imersos em investigações com a água do mar. A partir de nossas pesquisas e leitura do livro demos seguimento através de experiências corporais em água. Experimentamos os diferentes estados psicofísicos que o contato com a água pode despertar, como: explorar os estados corporais da água no corpo, fomentar estudos em *Dança na Água* no Ceará, promover a sensibilização acerca da poluição e dos recursos naturais aquáticos a serem preservados no estado do Ceará e buscamos formular uma metodologia de composição e improvisação em dança a partir dos estados da água no corpo.

As imagens de corpos na água trazem enorme potencial artístico. Segundo Bachelard (1997, p. 24, grifos do autor), “não se sonha profundamente com *objetos*. Para sonhar profundamente, cumpre sonhar com *matérias*”. A água pode ser explorada simbolicamente, remete a arquétipos essenciais, a qual podemos extrair imagens poéticas potentes, como por exemplo a personagem Ofélia da obra Hamlet de Willam Shakespeare (1599-1601) que suicidou-se atirando-se em um rio. Esse momento da peça foi representado por Sir John Everett Millais em uma pintura.

A relação com a água pode nos possibilitar caminhos diversos de experiências, em Bachelard temos que,

Reencontro sempre a mesma melancolia diante das águas dormentes, uma melancolia muito especial que tem a cor de um charco numa floresta úmida, uma melancolia sem opressão, sonhadora, lenta, câline, um detalhe ínfimo da vida das águas converte-se freqüentemente, para mim, em símbolo psicológico essencial. Assim o cheiro da menta aquática acorda em mim uma espécie de correspondência ontológica que me faz acreditar que a vida é um simples aroma, que a vida emana do ser como um cheiro

emana da substância, que a planta do riacho deve ressumar a alma da água... (BACHELARD, 1997, p. 8).

8

Encontramos na água um potente tema de pesquisa de investigação com/em/na/atraves da dança. Nesse ensejo, temos que as terapias aquáticas trazem benefícios devido "às propriedades físicas da água, exploração da reação do corpo a estímulos quentes e frios e pressão osmótica, estimulando os nervos a conduzirem esses impulsos para o interior do corpo, onde irão atuar no sistema imunológico, aumentar a circulação, melhorar a digestão e diminuir a sensação de dor" (BASTOS, 2016, p. 8). A própria condição física que a água impõe ao corpo já é um local potente de pesquisa artística.

Qualquer esforço excessivo debaixo d'água cria resistência e gasta excessivamente seu oxigênio. Esta é uma grande desvantagem quando você está prendendo a respiração e não é natural. Você pode sentir isso quando executa sua dança e pode percebê-lo quando observa os outros.

Para dançar debaixo d'água, certamente não precisamos de tanto esforço quanto em terra. Desaprender a fazer este esforço é uma tarefa inteira para alcançar. Uma vez concluído, também afetará sua "dança da terra" de uma maneira muito agradável. Você começará a se mover com menos, com o mínimo de esforço suficiente.

Sua dança na água pode se tornar conectada, contínua, completa e holística, uma vez que você supere esse hábito de nadar. Você se tornará capaz de se mover e a seus parceiros pelo espaço sem mudar para nadar ou chutar, o que também significa sem esforço. Você descobrirá uma quantidade incrível de novas possibilidades que não ousava sonhar antes (<https://www.arteseutopia.com/ocean-dancers>).

Para as práticas de hidroterapias há recomendações bastante específicas sobre as condições ambientais favoráveis para aplicação da técnica. Para o desenvolvimento de uma experimentação artística as restrições não existem com tamanha rigidez, dependerá do interesse de pesquisa e das condições (físicas, de equipamentos, etc) das/dos artistas envolvidas/os. No entanto, devemos nos atentar a questões de ordem prática, como trabalhos em águas naturais e os riscos que podem oferecer. Em nosso projeto, trabalhamos em "águas vivas", no mar de Fortim, que conforme supomos, nos ofereceu mais estímulos sensoriais do que ofereceria um ambiente controlado como o de uma piscina, mas que ao mesmo tempo possui

águas calmas e boa condição de visibilidade para a gravação de imagens subaquáticas.

No Ceará existem outras praias e lagoas que oferecem condições similares. As águas marítimas aquecidas e o clima tropical quase o ano todo é algo que demonstra potencial para o fomento de práticas de dança na água, à exemplo do que acontece em Moreré e Alter do Chão conforme citado na introdução desse texto. Nós acreditamos que nossa pesquisa fomenta o interesse por esse tipo de prática.

3 Resultados e Discussões

Nosso trabalho nos proporcionou possibilidades com experiências estéticas, produção de sensibilização, novas imagens para corpos, possibilidades de ser-estar na água dentre outras experimentações com o corpo. Segundo Duarte Jr.,

[...] a arte pode consistir num precioso instrumento para a educação do sensível, levando-nos não apenas a descobrir formas até então inusitadas de sentir e perceber o mundo, como também desenvolvendo e acurando os nossos sentimentos e percepções acerca da realidade vivida (2000, p. 15).

Vivemos, segundo Duarte Jr. (2000), uma crise da “razão pura”. Agimos perante um modo embrutecido de nos relacionarmos com o mundo, que não se deixa “contaminar” por aquilo que foge aos fenômenos pontuais, que se detém a uma suposta “objetividade”, que deixa escapar os valores e a dimensão do sensível. Em virtude dessa crise, desse modo de vida, que segundo Duarte Jr. (2000), é desvinculado do “mundo vivido”, anestesiado, as consequências sociais são várias. A economia que deveria ser um conhecimento para garantir a subsistência humana, torna-se um fim em si mesma, onde são pautadas as quantidades, preteridas as qualidades, devasta-se o meio-ambiente e os seres humanos que a movimentam. Esta “razão pura” também separou corpo e mente e passou a enxergar o corpo como uma espécie de máquina, “independente não só do ambiente onde vive, mas também dos próprios pensamentos e sentimentos nele e por ele gerados” (DUARTE JR., 2000, p. 18). Tornamo-nos objetos, aniquilando o “eu”, o sujeito.

Aqui se insistirá, pois, na necessidade atual e algo urgente de se dar maior atenção a uma educação do sensível, a uma educação do sentimento, que poder-se-ia muito bem denominar educação estética. [...] Trata-se, antes, de um projeto radical: o de um retorno à raiz grega da palavra “estética” — aisthesis, indicativa da primordial capacidade do ser humano de sentir a si próprio e ao mundo num todo integrado (DUARTE JR., 2000, p. 15).

10

A educação do sensível pode se dar pelo contato com a arte, um dos modos que o ser humano pode simbolizar o seu encontro com o sensível, com o mundo. A arte cria um caminho entre nossa carne e a realidade, uma apreensão que se dá bem mais pela sensibilidade que pelo intelecto, um gesto contrário aos ideais embrutecidos do modo de vida neoliberal. “Corporal, antes de tudo; quer dizer: sensível” (DUARTE JR., 2000, p 30).

A busca de acessar o sensível delinea-se na busca pela experiência vivida, na experiência estética. Segundo Dewey,

A experiência ocorre continuamente, porque a interação do ser vivo com as condições ambientais está envolvida no próprio processo de viver. Nas situações de resistência e conflito, os aspectos e elementos do eu e do mundo implicados nessa interação modificam a experiência com emoções e ideias, de modo que emerge a intenção consciente. Muitas vezes, porém, a experiência vivida é incipiente. As coisas são experimentadas, mas não de modo a se comporem em uma experiência singular. Há distração e dispersão; o que observamos e o que pensamos, o que desejamos e o que obtemos, discordam entre si (DEWEY, 2010, p. 109).

A experiência definida por Dewey é aquela considerada completa, onde há uma entrega total, assim buscamos na água a totalidade dessa experiência estética. Percebemos que a pesquisa dança na água nos possibilitou repensarmos nossa prática enquanto sujeitos transformadores, conseqüentemente em nossa práxis educativa. Temos por práxis a ideia de teoria e prática imbricadas, na ideia de uma educação transformadora e não reprodutora (VÁZQUEZ, 1977), assim entendemos que nossa pesquisa ao nos transformar, nos permite possibilitar uma transformação no outro. Questionamos o mundo e problematizamos a realidade (FREIRE, 2013), na perspectiva de mudança, mudar a si, nossa prática e o outro com quem temos relação.

4 Considerações finais

Diante deste paradigma posto por Duarte Jr. (2000) e Dewey (2010), acreditamos que nossa pesquisa, contemplada por uma produção artística, poderá gerar uma experiência estética com/em/na/atraves da dança. Sendo assim, trazer novas imagens de corpos, novas formas para ser/estar na água, distintas dos modos formalizados a que estamos habituados - os esportes, o entretenimento nas barracas de praia -. Uma verdadeira conexão do corpo-sensível com a natureza aquática, com o psiquismo hidrante trazido por Bachelard, quando metaforicamente relaciona as palavras com fonemas líquidos, de forma que “uma paisagem poética expressa por um psiquismo hidrante, pelo verbo das águas, encontra naturalmente as consoantes líquidas” (BACHELARD, 1997, p. 196).

Além disso, conforme apontado por Duarte Jr. (2000), a educação estética pode ter implicações diretas e indiretas em nossa relação com o planeta, promover uma educação ambiental, com a vida e nossas relações dentro e fora de instituições. É desenvolvendo uma sensibilidade para sentir-se parte integral da natureza, algo que talvez consiga verdadeiramente mobilizar forças internas que conduzam a ações efetivas nesse ponto. Somos, ao contrário do que muitos desejam, mais conduzidos pelos sentimentos do que pela razão.

Por fim, como nossa pesquisa está inserida numa região mais próxima à elementos da natureza, como, mar, areia e árvores, vemos grande potencial de, através dela, tocarmos em nossas questões relacionadas ao corpo e água. Nesse processo de experimentações e pesquisas acerca da água, identificamos também ser importante destacar sobre os dados de poluição nos rios e lagoas no estado do Ceará. Segundo o Diário do Nordeste, temos que, “O Ceará é um dos cinco estados brasileiros que apresentaram piora na condição da água dos rios e lagoas monitorados durante o ciclo hidrológico, de março de 2020 a fevereiro de 2021, segundo relatório [...]” (<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/ceara-tem-piora-na-qualidade-da-agua-de-rios-e-lagoas-aponta-sos-mata-atlantica->

1.3063515). Dados relevantes a serem considerados na continuidade de nossas investigações.

Referências

BACHELARD, Gaston, 1884-1962. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

12

BASTOS, Vasco Pinheiro Diógenes... [et al.]. Benefícios da hidroterapia nos pacientes portadores de sequela de acidente vascular cerebral: uma revisão de literatura. **Saúde (Santa Maria)**, p. 7-14, julho, 2016.

BEZRODNOVA, Sasha. **We speak to dancers**. Nascente Artes e Utopia, 2020. Disponível em: <https://www.arteseutopia.com/ocean-dancers>. Acesso em: 25 fev. 2022.

CAPES. **Portal de periódicos da capes**. Disponível em: <https://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/>. Acesso em: 25 fev. 2022.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. 2000. 233 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/253464>. Acesso em: 25 fev. 2021.

FREIRE, Paulo, 1921-1997. **Pedagogia do oprimido**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GIL, José, 1935-. **Movimento Total**. 2. imp. São Paulo: Iluminuras, 2004.

Healing Dance. Corpo Fluido - watsu e terapias. Disponível em: <http://corpofluido.com.br/terapias/healing-dance/>. Acesso em: 25 fev. 2022.

História e benefícios do Watsu. Instituto Mood, 2020. Disponível em: <http://www.institutomood.com.br/blog/historia-e-beneficios-do-watsu/#:~:text=Watsu%20foi%20criado%20em%201980,de%20acupuntura%20na%20piscina%20aquecida>. Acesso em: 25 fev. 2022.

JAHARA, Mário. **Tornar as coisas tão graduais que você não sente quando acontece**. Jahara técnica acuática, 1995. Disponível em: <https://www.jahara.com/history>. Acesso em: 25 fev. 2022.

MENDONÇA, Acqua Mater. **Entrevista com Patrícia Furtado de Mendonça – somos água**. *Youtube*, 8 de nov. de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=73V1dwcnlZ4>. Acesso em: 25 fev. 2022.

O evento... Uma partitura para o Workshop Macacos Aquáticos 2020. Nascente Artes e Utopia, 2020. Disponível em: <<https://www.arteseutopia.com/macacos-aquaticos-evento>>. Acesso em: 25 fev. 2022.

O que é a terapia Watsu?. Albert Einstein Sociedade Beneficente Israelita Brasileira, 2019. Disponível em: <https://www.einstein.br/noticias/noticia/o-que-e-terapia-watsu>. Acesso em: 25 fev. 2022.

Por um mundo mais watsu. Watsu - america latina, 2021. Disponível em: <http://www.watsu-la.org.br/Associados.htm> Acesso em: 25 fev. 2022.

RODRIGUES, Antonio. **Ceará tem piora na qualidade da água de rios e lagoas, aponta SOS Mata Atlântica.** Diário do Nordeste, 2021. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/ceara-tem-piora-na-qualidade-da-agua-de-rios-e-lagoas-aponta-sos-mata-atlantica-1.3063515>. Acesso em: 25 fev. 2022.

SASPORTES, José. **Pensar a Dança:** a reflexão estética de Mallarmé a Cocteau. Maiadouro: Vila da Moeda, 1983.

Terapias Aquáticas - AQUADINAMIC. Cooperativa do Fitness, 2009. Disponível em: <http://www.cdof.com.br/aquadinamic1.htm#:~:text=O%20Aquadinamic%20foi%20desenvolvido%20sem,um%20complemento%20das%20atuais%20Aquat%20terapias.&text=Deu%20assist%C3%A2ncia%20in%C3%BAmeras%20vezes%20a,ps%C3%ADquicos%20e%20mentais%20dos%20trabalhos>. Acesso em: 25 fev. 2022.

VÁZQUEZ, A.S. **Filosofia da praxis.** 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

VIANNA, Klauss. **A dança.** São Paulo: Summus, 2005.

Watsu uma terapia de lavar a alma. Nippo, 2002. Disponível em: <https://www.nippo.com.br/especial/n163.php>. Acesso em: 25 fev. 2022.

ⁱ **Juliane Gonçalves Queiroz**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3413-048X>

Universidade Estadual do Ceará; Centro de Educação; Programa de Pós-Graduação em Educação

Doutoranda e mestra em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE/UECE) (2020). Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional (2020) e graduada em Pedagogia (2014) pela mesma universidade. Graduanda em Dança/Licenciatura pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

Contribuição de autoria: escrita do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8181558051187152>

E-mail: julianeg.queiroz@aluno.uece.br

ii **Bruna Monteiro Barbosa**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8214-9188>

Universidade Federal do Ceará; Centro de Tecnologia; Graduação em Arquitetura e Urbanismo
Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Ceará (UFC) (2019).
Técnica em Dança pelo Instituto Dragão do Mar (2019).

Contribuição de autoria: escrita do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6031320835881592>

E-mail: arqbrunamb@gmail.com

Editora responsável: Karla Colares Vasconcelos

Como citar este artigo (ABNT):

QUEIROZ, Juliane Gonçalves; BARBOSA, Bruna Monteiro. Dança na água: a pesquisa acadêmica como práxis educativa. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 3, n. 1, 2022.